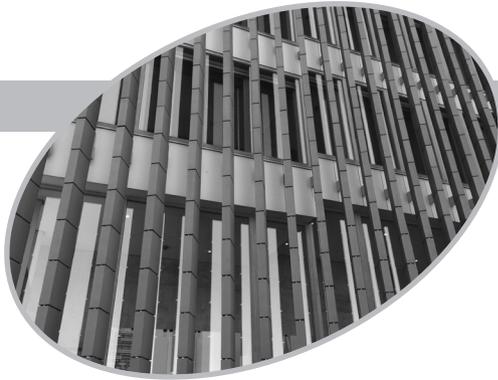


Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação¹



Luiz Signates

*Doutor em Ciências da comunicação (USP)
Professor no Mestrado e Doutorado em
Ciências da religião (PUC/GO) e no Mestrado
em Comunicação (UFG)
E-mail: signates@gmail.com*

Resumo: Trata este texto de um estudo das possibilidades de superação da exogenia teórica do campo da comunicação, definida como sendo a dependência do campo da comunicação de teorizações de outros campos científicos, deixando de conferir centralidade ao objeto da comunicação nos estudos dos processos comunicacionais. Após formular o que se denominou como sendo as exigências epistemológicas da comunicação para a superação da exogenia, faz-se um estudo da utilização das noções de mediação e dispositivo, tais como têm sido formuladas no Brasil, avaliando-as como categorias que podem contribuir para esta superação.

Palavras-chave: Epistemologia da comunicação, exogenia, dispositivo.

La exogenia a los dispositivos: hoja de ruta para una teoría autónoma de comunicación

Resumen: Este texto proviene de un estudio de las posibilidades de superar la exogenia teórica del campo de la comunicación, que se define como la dependencia del campo de las teorías de comunicación otros campos científicos, no dar centralidad al objeto de comunicación en los estudios de los procesos de comunicación. Después de la formulación de lo que se denomina como los requisitos de comunicación epistemológicas para superar exogenia, es un estudio sobre el uso de nociones y dispositivos de mediación, tal como se han hecho en Brasil, evaluarlos como categorías que pueden contribuir a este exceso.

Palabras clave: Epistemología de la comunicación, exogenia, dispositivo.

From exogeny to the devices: scrip for an autonomous theory of communication

Abstract: This text from a study of the possibilities of overcoming the theoretical exogeny the field of communication, defined as the dependence of the field of theories of communication other scientific fields, failing to give centrality to the communication object in studies of communication processes. After formulating what is termed as the epistemological communication requirements for overcoming exogeny, it is a study of the use of mediation notions and device, such as have been made in Brazil, evaluating them as categories that can contribute to this excess.

Keywords: Epistemology of communication, exogeny, device.

A crítica epistemológica que temos feito a respeito dos estudos de comunicação indicam que é premente, para a afirmação do campo, que as pesquisas dedicadas à construção do conhecimento nesta área do saber considerem, de forma tão radical quanto possível, a centralidade do conceito de comunicação como condição *sine qua non* da pertinência dos estudos vinculados ao campo. Tal priorização visa enfrentar a utilização desmedida de conceitos e abordagens de outras ciências humanas e sociais, bem como a formulação de questões e arranjos teóricos nos quais o conceito de comunicação passa a ocupar uma posição secundária e subsidiária.

Por conta destas características, na abordagem geral dos processos comunicacionais, esta exogenia constitui, um dos fatores

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologias da Comunicação do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, de 12 a 15 de junho de 2012

limitantes para a formação do campo específico da comunicação e para a construção de seu objeto. Assim, exige-se, para a formação e a consolidação do campo e do objeto da comunicação, a assunção de aportes epistemológicos que apontem para a construção de teorias da comunicação que considerem a centralidade do processo comunicacional, possibilitando a formação de arquiteturas conceituais e metodológicas próprias ao campo e adequadas à especificidade do objeto da comunicação.

Ao tornar-se uma condição central para a vida, em seus variados aspectos, a comunicação exige seu lugar de objeto científico prioritário

Este ensaio busca explorar as condições de superação da exogenia do campo da comunicação, partindo da convicção de que isso só será feito se e quando a noção de comunicação for o direcionador do pensamento a respeito dos processos tidos como comunicacionais, ou submetidos à pesquisa em comunicação, ou mesmo de outros processos sociais, dentro dos quais a comunicação produza sentido de alguma forma.

No caminho desse desiderato, este artigo busca compreender o sentido epistemológico da exigência pela especificidade da comunicação, para, em seguida, verificar quais condições são essenciais para a superação do problema. Na sequência, busca compreender qual seria a categoria de análise vinculada ao campo que teria melhores condições de cumprir com tais exigências, analisando, nesse sentido, duas das mais recentes propostas: os conceitos de mediação e dispositivo.

O conceito de comunicação e sua especificidade: exigências teóricas e epistemológicas

A busca pelo objeto específico da comunicação tem suas exigências próprias. A principal delas é, sem dúvida, a superação da exogenia do campo,² sem desprestígio das contribuições que os demais campos científicos venham a trazer. Ou seja, o proveito de conceitos, categorias e metodologias advindos de outros territórios do saber não podem nem devem desviar a atenção do pensamento reflexivo sobre o foco principal: o processo comunicacional. A porosidade, enfim, não pode desfigurar o objeto principal – a comunicação –, considerando-o apenas uma derivação ou um subproduto de outros processos melhor descritos por outras ciências.

De modo geral, já temos, na cartografia do conhecimento construído por essas interfaces com os demais campos científicos, descrições e análises relativamente consistentes em outros campos. É assim, por exemplo, o delineamento da visão política da comunicação, como âmbito em que o Estado promove políticas relacionadas às concessões e ao funcionamento das mídias, bem como o uso instrumental que a classe política faz dos sistemas de mídia, especialmente ao longo dos processos eleitorais. É igualmente bem descrita a abordagem econômica da comunicação, na qual se estudam os imperativos financeiros, patrimoniais e de negócios dos sistemas de comunicação em sua relação com os demais agentes econômicos da sociedade

² Adota-se aqui uma diferenciação entre campo e disciplina, para se falar na autonomização do campo da comunicação, no sentido bourdieuano. Nesse âmbito, a visada é semelhante à que adota Ferreira (2003), para quem “os paradigmas e as teorias fundantes, as práticas científicas normalizadas e institucionalizadas, as rotinas e as formas como os agentes em interação se articulam com um determinado conhecimento reconhecido como legítimo são lidas na perspectiva de como, através do discurso científico, de seus procedimentos, de suas formas de interações com outros, criam os objetos, os problemas e temas, compartilhando trilhas singulares de pensar o mundo, deslocando-se conforme os fluxos discursivos e concretos de produção de sentido”.

capitalista. De forma semelhante, operam as descrições linguísticas dos processos comunicativos que a percebem como discursos e discursividades a partir dos operadores metodológicos de circulação dos significados. E assim por diante.

Como consequência dessa multiplicidade de visadas, pode-se perceber como a fragmentação das ciências decorre imediatamente na fragmentação do saber em comunicação. Percebida como mera derivação de visões mais consolidadas e prestigiadas do mundo científico, a comunicação apresenta-se subalterna e subjuntiva a processos que sempre a extrapolam e excedem. Os estudos em geral chegam a surpreender interessantes momentos de processos econômicos, políticos, sociológicos e culturais, mas, ao procederem dessa forma, terminam por deixar à margem o próprio processo comunicacional, já que não são capazes de enxergá-lo em sua especificidade. Em outras palavras, não é a comunicação aquilo que termina descrito e analisado nesses trabalhos, e sim os processos que supostamente lhe dão origem.

Em regime de simultaneidade surpreendentemente contraditória, o mundo caminha num sentido em que os processos comunicacionais passam a abranger cada vez mais espaços da vida cotidiana e institucional das sociedades contemporâneas. Desde que o desenvolvimento tecnológico passou a operar para tornar a comunicação mediada, no sentido de Thompson, uma forma específica de vida, e não apenas um instrumento para determinados contatos interpessoais e institucionais, a comunicação passou a exigir explicações mais densas e próprias de um regime de conhecimento que desse conta de sua especificidade. A dinâmica da institucionalização sistêmica da comunicação (Signates, 2009), colonizadora do mundo da vida, no sentido habermasiano, propiciou condições materiais para que os processos comunicacionais transformassem todos os horizontes de sentido e significado da vida humana.

Dizendo de outro modo, na medida em que a comunicação, especialmente após a emergência da internet, generalizou-se na experiência humana, em sua quase totalidade, os processos sociais, políticos e econômicos tornaram-se, cada vez mais, insuficientes para fornecer respostas às indagações e às perplexidades surgidas dessa realidade emergente. Governos e empresas, grupos e pessoas de todo naipe, revelam-se atônitos e perdidos, diante da multiplicidade e diversidade de possibilidades e limites que a grande rede oferece e disponibiliza.

Essa emergência exigente da realidade comunicacional do mundo é o que, a nosso ver, principalmente exige que a abordagem comunicacional seja reexplicada à luz de seus próprios termos. Ao tornar-se uma condição central para a vida, em seus variados aspectos, a comunicação exige seu lugar de objeto científico prioritário. E, enfim, ao não encontrar, nas ciências correlatas, a explicação suficiente para o que acontece no mundo hoje, já que os conceitos básicos e categorias de análise dessas ciências foram desenvolvidos para explicar processos em que a comunicação não ocupava ainda tamanho relevo, torna-se urgente o desenvolvimento de uma ciência da comunicação, em que o conceito de comunicação passe a ser a variável independente, feita para formular o juízo descritivo e analítico dos demais processos sociais, e não o contrário.

É preciso, enfim, superar a exogenia das abordagens teóricas da comunicação, tarefa para a qual levantamos alguns requisitos fundamentais.

● As exigências da superação da exogenia no campo da comunicação

A superação de uma condição epistêmica, como é o caso em que se encontra o campo da comunicação no Brasil, não é um ato voluntarista, nem depende da mera decisão dos pesquisadores ligados ao campo. Alguns aportes constituem, no nosso entendimento,

um conjunto de exigências prévias para que tal superação possa ser feita. Algumas exigências, de caráter social ou epistêmico, sem a pretensão de hierarquização ou, menos ainda, de exaustividade, parecem-nos imprescindíveis, tal como passamos a listar.

A primeira exigência é o entendimento de que a comunicação constitui um campo em construção. Instaurado com alta contribuição dos mais diversos campos do saber, que vão desde a linguística até as ciências sociais (em vários países, os estudos de comunicação vinculam-se diretamente às áreas de sociologia), é preciso que a construção do objeto não perca de vista o aporte dessas contribuições. Não se trata de instaurar um campo isolado, numa perspectiva de constituição de um objeto inteiramente próprio, e sim de perceber, nas relações com os demais campos, o que seria especificamente comunicacional. A perspectiva de Braga caminha nesse sentido na medida em que o autor, acertadamente, assume uma posição crítica não à realização de interfaces com os demais campos do saber, e sim ao elevado risco de dispersão que essa condição propicia (Braga, 2004).

A segunda é a de que o objeto, qualquer seja ele, tem tudo a ver com a noção de relação. Estudar comunicação é, sempre, de algum modo, estudar um “entre”. O campo da comunicação é, pois, não apenas um campo de interfaces, como se sugeriu no item anterior, mas um campo em que a interface é constitutiva.³ Em outras palavras, a comunicação seria um campo de interfaces que abrigaria especificamente o estudo das interfaces.

A terceira exigência é a da centralidade do conceito de comunicação, isto é, que se confira nos estudos uma abordagem prioritária do que for que se denomine comunicação. Trata-se, então, da centralização deste conceito, seja como noção teórica, seja como ferramenta

³ Compreende-se interface, a partir da experiência haurida na internet, como sendo tanto a atribuição dos softwares que fazem o diálogo entre os códigos binários dos computadores e a experiência social e intuitiva dos usuários com a linguagem escrita ou icônica.

metodológica. Essa exigência talvez seja a mais difícil de todas, pois a comunicação é noção plurissêmica e ambígua, justamente porque vem sendo constituída a partir de outros olhares, que não a fenomenologia de sua especificidade; sendo, nesse caso, exatamente aquilo que não se sabe ainda e que ainda se quer saber. Eis porque o olhar do campo parece sempre ser oblíquo, transversal, como se a comunicação fugisse ser surpreendida pelo saber em construção à medida que é definida justamente pelo que lhe extrapola ou, pior ainda, pelo que não consegue abrange-la em toda sua complexidade.

O trabalho de Braga transformou essa angústia numa interessante pergunta: “O que há de especificamente comunicacional nos trabalhos científicos produzidos pelo campo da comunicação?”. Isso é o mesmo que indagar o que, afinal, constitui comunicação, quando se estuda comunicação. A esse direcionamento, acrescentamos um outro: até que ponto os estudos de comunicação debruçam-se efetivamente sobre o comunicacional? Ou seja, até que ponto a comunicação não aparece apenas como pretexto para estudar outros objetos, talvez considerados mais bem descritos do que a comunicação parece ser?

Esta última indagação parece-nos ser aquela que melhor perceberia a situação de exogenia do campo. E, por conseguinte, a busca por uma resposta afirmativa para ela representa o atendimento dessa terceira exigência, que ora formulamos.

A quarta exigência é a abertura para o novo a partir das realidades empíricas. Não se pode pensar a formação de um campo sem que o objeto deixe de abrigar as possibilidades ou, no mínimo, novos olhares sobre as possibilidades existentes. Nas ciências em geral, mas radicalmente na comunicação, as realidades emergentes no cotidiano do mundo contemporâneo extrapolam em muito as condições teóricas que buscam descrevê-las no âmbito das ciências humanas e sociais disponíveis. O mundo se transforma celeremente e as teorias

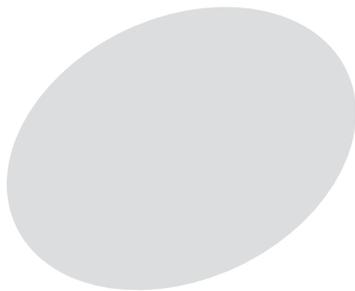
se tornam rapidamente obsoletas, processo que se tornou vertiginoso com a emergência das novas tecnologias de comunicação.

Essa é a razão pela qual consideramos que o novo campo não surgirá do mero debate teórico ou epistemológico – e talvez seja a principal razão pela qual o trabalho do GT Epistemologias da comunicação, da Compós, tem mais fracassado do que tido sucesso em sua empreitada de delimitar o objeto e definir o campo da comunicação. O olhar sobre o novo demanda uma postura eminentemente orientada para a intervenção do mundo sobre o saber e não o contrário. É preciso que o *insight* venha da pesquisa, que se desdobre o olhar sobre a condição do novo que exsurge na dinâmica social ou, mais especificamente, sobre a dinâmica comunicativa da sociedade.

A ideia de novo tem, no sentido que aqui se sugere, duas faces de apropriação: a teórica e a epistemológica. A noção epistemológica tem uma visada claramente fenomenológica: os estudos de comunicação só serão especificamente comunicacionais se fizerem surgir um novo saber a respeito das relações sociais, simbólicas etc. A abordagem teórica, contudo, tem aparecido numa visada próxima à da filosofia da alteridade: o que quer se seja comunicação, ela é emergência de alguma diferença. Essa condição tem sido densamente apropriada por Ciro Marcondes Filho, no que ele tem denominado “Nova teoria da comunicação” (Marcondes Filho, 2004). Como, entretanto, a noção de Marcondes implica em limitações claramente demonstradas pela crítica de Braga (Braga, 2010) – a mais importante delas é o risco de desaparecimento do próprio objeto, tal a raridade com que ocorreria o que se poderia reconhecer como o típico fenômeno da comunicação – preferir-se-á dar relevo, neste trabalho, à apropriação epistemológica da noção de novo.

Uma quinta condição é imediatamente complementar a anterior: a pesquisa empírica deve comprometer-se teoricamente de maneira forte. Em outras palavras, a pesquisa sobre objetos da realidade não pode

estabelecer o aspecto do desenvolvimento teórico como mera constatação de hipóteses. Eis porque considero que o aspecto metodológico deve ser pelo menos direcionado ao que tem sido denominado de *grounded*



De forma análoga ao que ocorre com o conceito de mediação, cuja origem é marcadamente sociológica, a noção de dispositivo advém da filosofia da linguagem

theory, ou teoria fundamentada (Charmaz, 2009). Trata-se da abordagem dentro da qual a teoria é construída paulatinamente, à luz da experiência advinda da relação pesquisador-objeto.

● **Consequências teóricas dos antecedentes previstos**

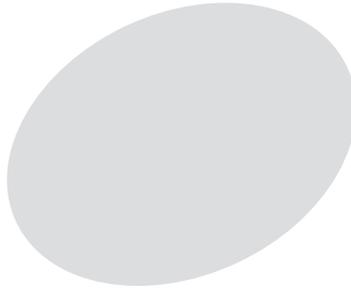
Delineia-se, assim, um programa de pesquisas no qual a comunicação constitui-se uma noção central, firmada na ideia de interface, e que passa a ser colocada no centro do processo de pesquisa empírica, em busca daquilo que a especifica ou que a diferencia em relação aos demais objetos disponíveis nos diferentes campos de construção científica.

O risco que se corre nesta abordagem é, sem dúvida, a tautologia. Passa-se a denominar comunicação o conceito mediante o qual se busca saber o que é comunicação. Ou não se sabe o que se busca ou com que se busca, ou a busca se torna meramente circular, no qual o objeto não passa de pretexto para uma busca sem fim por algo que não se sabe.

O reconhecimento desse risco engendra uma última exigência, que abordamos aqui como consequente do conjunto das

exigências anteriores: é preciso contar com uma categoria de análise,⁴ urdida teoricamente, a partir da qual se torne possível pensar a comunicação como objeto, sem os embaraços da petição de princípio.

O conceito de dispositivo tem de ser apropriado para constituir uma nova perspectiva que torne possível falar de comunicação e não apenas de discurso



Muitas tentativas foram feitas no sentido de encontrar tal categoria de análise. Uma delas, a de “mediação”, ganhou espaço recente, especialmente a partir das contribuições de Martin Barbero, e, no Brasil, nos estudos de recepção, mas que não será considerada aqui em razão das limitações metodológicas de seu funcionamento como categoria.⁵ A mais recente e interessante delas foi a categoria “dispositivo”, de que passamos a tratar, em termos analíticos e propositivos, a partir do recurso metodológico engendrado por Braga, o de oferecer o próprio método comunicativo como viés: trata-se, pois, neste momento, de uma “categoria tentativa”.

⁴ Define-se aqui “categoria” numa perspectiva que a diferencia de “conceito”. Conceito é uma palavra que recebe uma definição específica, a fim de centralizar a abordagem teórica na qual se insere, e funciona como elemento descritivo ou um dos elementos descritivos do processo que se constitui como objeto da teoria em causa. Categoria é um conceito, no momento em que passa a ser utilizado como aferidor ou mensurador do fenômeno que se pretende descrever, adquirindo, assim, uma funcionalidade instrumental, a serviço da pesquisa teórica ou empírica. Dentro deste quadro de discussão epistemológica, portanto, a exigência de uma categoria de análise comparece como estratégia para fazer escapar a abordagem da centralidade da comunicação dos processos tautológicos.

⁵ Para um aprofundamento das razões de se dispensar o conceito de “mediação” como categoria de análise da comunicação, vide Signates (2006).

Uma categoria tentativa: os dispositivos

Recentemente, o grupo de pesquisadores da Unisinos, encabeçado pelo professor José Luiz Braga, em conjunto com pesquisadores de pelo menos duas outras Universidades, a de Juiz de Fora e a de Goiás, em projeto financiado pelo CNPq, do qual o autor deste ensaio fez parte, passou a considerar um novo conceito: o de dispositivo num contexto de abordagem em que a totalidade social passa a ser considerada uma “sociedade (ou sociedades) em mediação”. Neste trabalho, a bem de sua especificidade, passaremos ao largo da noção de mediação, para nos concentrarmos na ideia de dispositivo como possibilidade de categoria específica dos estudos de comunicação.

De forma análoga ao que ocorre com o conceito de mediação, cuja origem é marcadamente sociológica, a noção de dispositivo advém da filosofia da linguagem, especificamente das ricas formulações teóricas de Michel Foucault. Para esse autor (Foucault, 1980),

What I’m trying to pick out with this term is, firstly, a thoroughly heterogeneous ensemble consisting of discourses, institutions, architectural forms, regulatory decisions, laws, administrative measures, scientific statements, philosophical, moral and philanthropic propositions – in short, the said as much as the unsaid. Such are the elements of the apparatus. The apparatus itself is the system of relations that can be established between these elements. Secondly, what I am trying to identify in this apparatus is precisely the nature of the connection that can exist between these heterogeneous elements.

Ressalta na formulação de Foucault o aspecto relacional do conceito de dispositivo (*apparatus*), dentro de uma preocupação de evidenciar a estruturação do poder nas mais diferentes ordens discursivas – de leis e instituições até formulações científicas e filantrópicas. Dispositivo constitui, para o autor, a interface entre as formações discursivas heterogêneas.

Uma interessante formulação interpretativa do conceito de dispositivo, em Foucault, foi feita por Gilles Deleuze, e acabou conferindo ao conceito uma abordagem claramente pós-moderna, na qual as definições se perdem no emaranhado das metáforas, que, mesmo altamente sedutoras, constituem-se pouco esclarecedoras para os estudos de comunicação no âmbito do que se pretende fazer aqui, isto é, no quadro de um debate epistemológico.

Mas o que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. Dessa maneira, as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si. É sempre por via de uma crise que Foucault descobre uma nova dimensão, uma nova linha (Deleuze, 1990).

A verdade é que, em Foucault, o conceito de dispositivo parece bem menos amplo do que pretendeu Deleuze ou mesmo do que pretendem os estudiosos da Unisinos, que o propõem como modo de abordar o objeto da comunicação. A noção de dispositivo começa como uma noção especificamente linguística, orientada para ajustar a descrição das condições pelas quais a linguagem, convertida em formações discursivas específicas, engendra suas derivações em termos de microfísica do poder. Em Deleuze, assume uma

conformação mais rizomática, significando os processos de redes sem fronteiras nas quais o novo e o inesperado são engendrados a partir dos entrecruzamentos, cuja formação constitui dispositivos diversificados.

De todo modo, para se ajustar aos parâmetros epistemológicos que constituem a exigência dos estudos contemporâneos de comunicação, o conceito de dispositivo tem que ser apropriado, extraído o quanto for necessário da teorização de Foucault para constituir uma nova perspectiva, dentro da qual se torne possível falar de comunicação, e não (apenas) de discurso.

O que há de interessante no funcionamento do conceito de dispositivo e pode torná-lo uma categoria de análise específica da comunicação é a formulação de que se trata daquilo que forma redes de relacionamento entre diferentes dimensões da realidade. Isso até certo ponto coincide com a ideia, bastante compartilhada pelo senso comum, de dispositivo como instrumento que possibilita qualquer coisa de acontecer (na tecnologia, um aparelho de conexão, como um controle remoto ou aparelho de videogame, é trivialmente denominado de dispositivo).

A formulação feita por Braga acrescenta o adjetivo “interacional” e busca atender a esse requisito em condições específicas. Vejamos:

Dispositivos interacionais podem ser adequadamente esse ‘lugar de observação’. Cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação, recorre a determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação. Tais matrizes – culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção) correspondem ao que chamamos aqui de “dispositivos interacionais” (Braga, 2011).

A noção de Braga é claramente diferenciada da de Foucault, em vários sentidos. O mais interessante é que o autor não se especifica na análise de ordens discursivas, isto é, não se preocupa com a relação entre linguagem e poder, o que era central em Foucault.

Trata-se, inclusive, de uma ampliação assumida de forma explícita por ele. Constituído como um “lugar de observação”, a noção de dispositivo ganha modalidade metodológica, muito mais do que teórico-conceitual, o que é especialmente rico para a realização do projeto que esse autor enceta – o de descobrir novas perguntas que possam orientar a abordagem comunicacional e a identificação daquilo que é especificamente comunicacional nos fenômenos estudados.

Outra interessante peculiaridade na abordagem adotada por Braga é a ideia de dispositivo como matriz interacional, em condições de disponibilidade ante os sujeitos da comunicação. Nesse sentido, ele sugere que as redes de conexão simbólica que formam os dispositivos constituem processos simplesmente disponíveis aos sujeitos, que ocorrem a eles para elaborar e reelaborar as interações e fazê-las avançar. A visada sócio-interacionista de Braga aparece nítida nessa ideia, inclusive no acréscimo do adjetivo “interacional” – a nosso ver redundante, considerando que, desde Foucault, é de interação que se trata, embora neste caso a palavra assumira uma perspectiva bastante similar à do interacionismo simbólico. Tal orientação deixa perceber, ainda, a persistente recusa de Braga em adotar o conceito de “instituição”, importante em Foucault, como formador de vínculos acima das interações, ou mesmo constituindo dispositivos de dominação sobre elas.

A principal virtude da teorização de Braga, no entanto, é a sua preocupação em conferir centralidade ao processo comunicacional em seu estudo. Dispositivos são padrões comunicacionais que, de alguma maneira, se tornam meios (no sentido de processos ou sistemas simbólicos) pelos quais os sujeitos operam suas tentativas de comunicar.

A noção de dispositivo, nessa formulação, ocupa corretamente a posição de categoria, deixando o espaço do conceitual para a comunicação, que ganha contornos fenomenológicos, como um evento ou episódio, a

fim de que se articule a teoria, como se pode perceber nesta formulação típica:

O episódio comunicacional, que é a comunicação concreta, se desenvolve, assim, no âmbito de “dispositivos interacionais”, produzidos nas circunstâncias históricas e acionáveis nos contextos específicos dos participantes (Braga, 2011).

Dispositivo é, pois, algo de novo que forma rede, ou aquilo que possibilita a rede de uma nova manifestação de sentido, dentro da qual os sujeitos se inserem e ao mesmo tempo o colocam em funcionamento (“acionam-no”, no dizer de Braga) nas suas tentativas de comunicação.

Trata-se, portanto, de uma poderosa noção explicativa, altamente permeável com a experiência vivenciada contemporaneamente pela internet. A rede digital que abrange e interconecta hoje praticamente todo o mundo constitui-se, nesse quadro teórico, em um extraordinário dispositivo de dispositivos. A promoção do novo, em comunicação, é realização cotidiana no ambiente virtual e se dá pelas estratégias de apropriação popular dos softwares que se tornam disponíveis. Nesses termos, não são especificamente os softwares os dispositivos como se pode superficialmente pensar, mas sim estes relacionados aos modos de apropriação, ao acionamento que os sujeitos conectados fazem deles. Em outras palavras, dispositivos são as estratégias de apropriação do que os softwares possibilitam, na relação com as possibilidades – e limites – dos algoritmos em seu pleno funcionamento.

Parece óbvia a vantagem da noção de dispositivo sobre a de mediação, não apenas como conceito ou algo que pretenda descrever o que ocorre em comunicação, mas, sim, como categoria mediante a qual a comunicação se torna passível de descrição. Usada como categoria, a noção de mediação leva o pesquisador simplesmente à busca pela identificação dos conteúdos simbólicos que estariam servindo de suporte aos processos de produção de sentido, pois o modo

pelo qual isso acontece estaria já pressuposto como uma mediação. No caso do uso da categoria dispositivo, essa condição estaria apenas sugerida, sendo objeto da pesquisa não os conteúdos, e sim os modos, os processos, as estratégias e, por que não? as ordens discursivas e a dialética do poder *versus* das rotas de fuga engendradas pelos sujeitos em comunicação. O que a noção de dispositivo pressupõe seria apenas a relação entre heterogeneidades, deixando à pesquisa a tarefa de compreendê-la e descrevê-la como comunicação, assumindo desde o princípio que nenhum dispositivo coincide com outro nos diferentes contextos em que ocorre – ao contrário, o que o dispositivo possibilita é justamente a emergência do novo, do inesperado, da comunicação como alteridade aberta (diferente do conceito de Marcondes, na qual a definição aparece fechada o suficiente para tornar-se quase impraticável).

Além disso, a categoria dispositivo, diferentemente da noção de mediação, não presume realidades dicotômicas, não se vincula a meras realidades abstratas correlacionadas aos processos interpretativos (até porque o modo como se apropria o conceito, aqui, não se submete obrigatoriamente às condições foucaultianas) e, sobretudo, não é aplicável a toda e qualquer realidade, sendo possível efetuar recortes específicos para o delineamento teórico e empírico dos dispositivos – inclusive o recorte que a apropria como categoria específica do objeto da comunicação.

Eis porque se torna possível considerar que a utilização da noção de dispositivo, no sentido que lhe empresta hoje o grupo da Unisinos, representa um avanço importante para o atendimento do que acatamos presentemente como imprescindível para efetuar a superação da exogenia nas teorizações da comunicação.

(artigo recebido out.2015/aprovado out.2015)

Referências

- BRAGA, J. Dispositivos interacionais. In: XX Compós, Porto Alegre, GT Epistemologias da Comunicação, 2011.
- BRAGA, J. Os estudos de interface como espaço de construção do campo da comunicação. In: XIII Compós, São Bernardo do Campo, GT Epistemologias da Comunicação, 2004.
- BRAGA, J. Nem rara, nem ausente - tentativa. *Matrizes*, v. 4, p. 65-81, 2010.
- CHARMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. São Paulo: Artmed, 2009.
- DELEUZE, G. ;Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: XII Compós, Recife, GT Epistemologias da Comunicação, 2003.
- FOUCAULT, M. The confession of the flesh. In: GORDON, C. *Power/Knowledge selected interviews and other writings*. 1980, p. 194-228. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23718118/Foucault-Confessions-of-the-Flesh#fullscreen:on>.
- MARCONDES, C. *Até que ponto de fato nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2004.
- MARTIN, M. *La mediación social*. Toledo: Akal Ediciones, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- OROZCO GÓMEZ, G. Recepción televisiva y mediaciones: la construcción de estrategias por la audiencia. In: *Televidencia*. Cuaderno de Comunicación, n. 6, México, 1994.
- RESENDE, V; BORELLI, S; LOPES, M. *Vivendo com a tele-novela: mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.
- SIGNATES, L. *A sombra e o avesso da luz: Habermas e a comunicação social*. Goiânia: Kelps, 2009.
- SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: Mauro Wilton de Sousa (org.). *Recepção Mediática e Espaço Público: Novos Olhares*. São Paulo: Sepac/Paulinas, 2006.
- THOMPSON, J. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

